

# LIMINARIDADE E MEDIAÇÃO EM LEITURAS COMPARADAS DA FICÇÃO ROSIANA

Júlio França  
(UERJ)

VALENTE, Luiz Fernando. **Mundivivências**: leituras comparadas de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 163 p.

O interesse de Luiz Fernando Valente, professor de Literatura Brasileira e Comparada da Brown University, pela obra de Guimarães Rosa remonta a uma leitura “atônita” de *Grande sertão: veredas*, ainda em seus tempos de estudante de graduação. Os frutos da longa convivência com a obra do romancista, que rendeu uma tese de doutorado e diversos artigos publicados em língua inglesa, podem agora ser apreciados, em português, com o lançamento, no ano passado, de *Mundivivências: leituras comparadas de Guimarães Rosa*, uma reunião de nove instigantes ensaios comparatistas sobre obra do prosador mineiro.

O primeiro capítulo estabelece os pressupostos teóricos do livro. Partindo do já clássico ensaio machadiano, “Instinto de nacionalidade”, Valente percebe como Machado de Assis antecipa a formulação de T. S. Eliot, sobre a relação dialética entre tradição e talento individual, ao defender que as grandes obras literárias inserem-se em séries transnacionais, as quais modificam e dão continuidade. E, dado esse caráter transnacional da literatura, que disciplina dos estudos literários, senão a comparatista, estaria mais apta a estudá-la?

Guimarães Rosa encaixa-se perfeitamente nos parâmetros de escritor propostos por Machado e endossados por Valente. Na obra do romancista mineiro tem-se, ao mesmo tempo, a continuidade, presente nos temas do sertão, já trabalhados por Euclides, Afonso Arinos ou Graciliano, e o rompimento, perceptível na revolução que Rosa instaura na prosa de ficção brasileira.

Mas o que significa ler de modo comparatista? Para Valente, o comparativismo é reconhecido por ser uma disciplina em crise constante, dada a incapacidade de se definir seu campo de estudos e suas metodologias específicas. Ele não acredita, porém, que a resposta passe pela solução encontrada pela Associação Brasileira de Literatura Comparada: equacionar os objetivos do Comparativismo e dos Estudos Culturais. Apoiado em Riffaterre, Valente propõe uma relação de complementaridade entre Teoria da Literatura, Comparativismo e Estudos Culturais.

De forma ampla, Valente entende que os estudos comparatistas, centrados nas especificidades e nas diferenças, podem ajudar a resistir às tendências uniformizantes da globalização econômica e servirem, assim, como uma resposta humanizadora aos seus desafios. Para tanto, é necessário abandonarem suas raízes eurocêntricas, subvertendo a equação da dependência. As leituras de Valente não estão interessadas na questão da influência, a qual julga ser secundária ou mesmo irrelevante: seu objetivo é ler a ficção de Guimarães Rosa em conjunção com textos de ficcionistas e pensadores provenientes de diferentes tradições culturais, “de tal maneira a se iluminarem mutuamente” (p. 17).

No segundo capítulo do livro, Valente desenvolve uma análise dos quatro prefácios de *Tutameia* como se fossem uma espécie de *ars poetica* rosiana. É notável, sobretudo, a leitura que faz do primeiro deles, enigmáticamente denominado “Aletria e Hermenêutica”. O ensaísta estabelece uma analogia entre os dois termos e a oposição rosiana estória/história. A filosofia, a história e a ciência não bastam para que possamos dar sentido ao mundo complexo e imprevisível em que vivemos, e caberia à ficção um papel central e necessário na aventura humana de compreensão do real. A arte, como propõe Susan Sontag em “Contra a interpretação”, não demanda hermenêutica, mas uma “erótica”, isso é, modos de percebê-la sensorialmente – eis o sentido de aletria no prefácio.

A partir da leitura de “Campo Geral”, Valente explora, no terceiro capítulo, os conceitos de liminaridade – noção próxima ao entrelugar, aquela zona de fronteira que desafia os binarismos da cognição humana, ambiente privilegiado “da ambiguidade, da indeterminação e do paradoxo” – e mediação – a capacidade de reconciliar termos que embora pareçam, à primeira vista, contrários, são, de fato, interdependentes. Naquela que é a primeira novela de *Corpo de baile*, Miguelim, o protagonista, experimenta a liminaridade existente entre a fragmentação do

mundo adulto e a harmonia do infantil. Mas é sua visão de mundo infantil que exerce a função mediadora. A intensa sensibilidade da criança constitui “uma percepção de mundo como algo fluido e contínuo, a que faltam as nítidas fronteiras impostas pela lógica e pela razão” (p. 39).

O conceito de mediação retorna no quarto capítulo, em que Valente descreverá o caráter dialógico de *Grande sertão: veredas*. O diálogo é o principal parâmetro de um romance em que o narrador é um contador de histórias que se dirige ao seu ouvinte. A cooperação que o narrador espera de seu interlocutor é a mesma que será exigida do leitor da obra-prima rosiana: “a leitura desse romance dependerá de um esforço conjunto de reconstrução, no qual o leitor será não um receptor passivo de informações, mas um participante ativo na produção do sentido” (p. 49). Valente observa que a convocação do leitor se dá já nas primeiras páginas, confrontado com o “turbilhão” da narrativa de Riobaldo: “o leitor é afetado emocional e sensorialmente antes de lhe ser permitido aprender logicamente o significado do material com que se defronta” (p. 49).

O quinto ensaio aprofunda a noção de mediação, focando agora na leitura comparatista de *Absalão, Absalão!*, de William Faulkner, e *Grande sertão: veredas*. A partir de um artigo seminal de Paulo Vizzioli, dos anos 1970, Valente observa, em uma chave explicitamente iseriana, que os dois romances constituem representações do leitor e do próprio ato de leitura. Ambos introduzem narratários que funcionam como duplos do leitor, que são convocados a colaborar ativamente na produção de sentidos. Ambos são, portanto, objetos virtuais e indeterminados, cujos significados são sintetizados efemeramente no decorrer das voltas do processo hermenêutico, mas sem jamais chegar a um momento de completa imobilidade ou fechamento.

No capítulo seguinte, os contos “A terceira margem do Rio”, de Guimarães Rosa, e “O Barão nas árvores”, de Italo Calvino, são postos lado a lado. Para além das dessemelhanças existentes entre os dois grandes prosadores, Valente postula que ambos compartilhariam posições fundamentais sobre as relações entre a escrita ficcional e os desafios da existência humana, “tais como a preocupação com o destino do indivíduo no mundo moderno, a consciência dos limites do racionalismo, o interesse pelo relacionamento entre o autor e o leitor no processo criativo, e a crença na imprescindibilidade da ficção” (p. 86). Além das semelhanças de enredo e de modo narrativo, o ensaísta chama atenção

também para como os dois textos transitam num espaço híbrido, entre o puro realismo e o puro fantástico. Citando Robert Scholes, descreve Rosa e Calvino como fabuladores modernos, autores que tendem a se afastar de uma representação direta da realidade, em favor de uma fantasia eticamente controlada, que retorna aos temas da existência humana.

As relações entre os personagens Ivan Ilitch e Augusto Matraga são o tema do sétimo capítulo. Luiz Fernando Valente identifica, nas novelas de Tolstói e de Rosa, a continuidade de uma tradição que remonta às epístolas de São Paulo: a da narrativa quenótica. Nesse tipo de enredo, o protagonista, após algum evento traumático, percebe a futilidade, a degradação e/ou egoísmo de sua existência, passando por um processo radical de transformação de consciência. Para o ensaísta, a narrativa do escritor russo tem caráter monológico, convergindo para a simples conversão individual do protagonista. Já no conto de Rosa haveria uma certa carnavalização do trágico e do cômico, graças a uma série de diálogos produtivos estabelecidos entre o pecador Augusto Estêves e o “santo” Nhô Augusto, entre Matraga e Bem-Bem, e entre o próprio texto e o leitor. Essa crença no poder terapêutico do diálogo seria, justamente, o que resgata a obra rosiana do ceticismo de grande parte da prosa ficcional contemporânea.

O oitavo capítulo é dedicado ao tema do amor. Para Valente, o erotismo, na obra rosiana, não escaparia dos conflitos entre sua busca utópica da totalidade e “a consciência da inevitável presença do contraditório, do ambíguo, do opaco e do incongruente na existência humana” (p. 110). O ensaísta vai buscar em George Bataille um interlocutor para sua demonstração que, na prosa do escritor mineiro, nos momentos em que o erotismo se manifesta, dois pilares do racionalismo e do utilitarismo moderno – a integridade do eu e a descontinuidade entre os indivíduos – são violadas. Dois contos de *Corpo de baile* permitem estabelecer elos entre o filósofo francês e a visão de mundo de Rosa. Fundamentalmente, a compreensão comum de que o literário e o erótico, duas zonas intersticiais entre conhecimento e não conhecimento, facultam percepções de coisas que a racionalidade não controla, tampouco esclarece: o acaso, a contingência, o tempo.

No capítulo final, Valente retorna aos conceitos de liminaridade e mediação para ler uma outra novela de *Corpo de baile* como a defesa do caráter intersticial da ficção. O ensaísta estabelecerá um diálogo entre o escritor mineiro e o filósofo francês Paul Ricouer, em que é fundamental a crença de ambos no papel central da narrativa em nossa

identidade como seres humanos. Para Ricouer, a vida humana, quando não interpretada – e, portanto, previamente narrada – nada mais é que um fenômeno biológico. As diversas narrativas em moldura da novela reforçam a ideia de ser a leitura um procedimento afetivo, isto é, um processo de envolvimento intersubjetivo, muito distante da mera decodificação objetiva.

Se a literatura moderna é tantas vezes descrita como programaticamente fechada à significação, o livro de Luiz Fernando Valente mostra como Guimarães Rosa seria notável exatamente por postular o texto literário como franqueador de um universo de sentidos e, talvez, de uma transcendência, sendo capaz de ocupar a lacuna deixada pela ausência do sagrado no mundo moderno. A ficção, para o escritor mineiro, atenderia, portanto, a necessidades humanas básicas, consistindo em uma ferramenta essencial para a autocompreensão humana.